

O PANORAMA (1837-1868): HISTÓRIA DE UM JORNAL

Benedita de Cássia LIMA SANT'ANNA*

Resumo: *O Panorama* foi lançado em Lisboa, no dia 6 de maio de 1837, pela Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis, fundada, naquele mesmo ano, com a finalidade exclusiva de publicar um periódico de conteúdo enciclopédico, literário e instrutivo que fosse bem aceito por todas as classes de cidadãos. Considerado o paradigma da imprensa romântica portuguesa, com ele inicia-se e encerra-se o movimento romântico em Portugal. Nosso objetivo neste texto é refletir sobre a publicação desse periódico, identificar os aspectos mais relevantes que envolvem o seu projeto editorial, sua apresentação gráfica, a transferência de editor (proprietário), bem como apresentar ao pesquisador e estudiosos da imprensa literária de língua portuguesa uma leitura sobre a publicação desse importante jornal.

Palavras-chave: século XIX; imprensa portuguesa; *O Panorama* (1837-1868).

THE PANORAMA (1837-1868): HISTORY OF A JOURNAL

Abstract: *The Panorama* was thrown in Lisbon, on May 6, 1837, for the Spread Society of Useful Knowledge, founded, on that same year, with the exclusive purpose of publishing a periodical of content varied, literary and instructive that goes well I accept for all the classes of citizens. Considered the paradigm of the Portuguese Romantic press, with him begins and he closes the Romantic movement in Portugal. Our objective in this text is to contemplate about the publication of that periodical, to identify the most important aspects than they involve your project production, your graphic presentation, editor's transfer (proprietor), as well as to present to the researcher and studios of the literary press of Portuguese language a reading about the publication of that important periodical.

Key words: 19th century; press portuguese; *The Panorama* (1837-1868).

* Benedita de Cássia Lima Sant'Anna é Pós-doutoranda em Letras pela Faculdade de Ciência e Letras de Assis – UNESP- Bolsista FAPESP, Doutora em Letras, área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa – FFLCH/USP (FAPESP). São Paulo/SP – Brasil- E-mail: cassiabar@hotmail.com

Lançado em 6 de maio de 1837, o periódico *O Panorama* veio comprovar a existência da tradição periodística portuguesa, ao mesmo tempo que a modernizava, visto que entra “em cena impresso em tipografia própria e das mais bem apetrechadas do país, tendo possuído, inclusive, a primeira máquina impressora a experimentar o uso de rolos”.¹

O Panorama era publicado aos sábados pela Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis, também fundada em maio de 1837, e foi encadernado corretamente em dezoito volumes, dos quais constam o número da publicação, escrito no lado esquerdo da margem superior na página inicial de cada fascículo, bem como o dia, o mês e o ano da publicação escritos no lado direito da margem, logo após o nome do periódico, como ocorre nas publicações jornalísticas da atualidade.

Constituída por um grupo de acionistas e por uma diretoria composta de três membros, os quais administravam seus recursos financeiros e negócios, a Sociedade Propagadora tinha por objetivo promover o desenvolvimento da educação em Portugal, propagando os conhecimentos úteis por todos os meios de que se podia dispor. E o meio encontrado que mais satisfatoriamente atingia essa finalidade era a publicação d’*O Panorama*.

Consta no Estatuto da Sociedade que *O Panorama* deveria conter oito páginas de quarto grande e duas colunas, trazendo em cada número uma ou mais estampas que servissem de ilustração a algum ou alguns artigos ou ensaios publicados. Consta ainda que *O Panorama* deveria ocupar-se de:

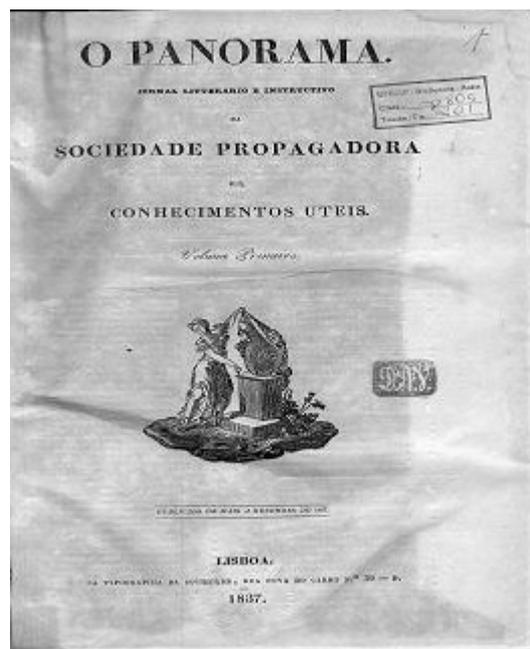
considerações sobre a história nacional e estrangeira; notícias de antiguidades e monumentos; estatística e geografia do país; biografia dos varões ilustres, em armas e em letras; literatura, compreendendo os elementos da teoria do discurso e a sua aplicação à língua portuguesa.²

Além disso, consta que o periódico deveria conter artigos relacionados à jurisprudência, à economia política, ao direito administrativo, à indústria, ao comércio e às belas-artes. Seguindo essas regras, são publicados todos os números do periódico.

A esse respeito, importa dizer que nos 54 números publicados, em média, a cada ano, durante os 34 anos da história do periódico, excetuando-se os períodos de interrupções que examinaremos à frente, *O Panorama* manteve o mesmo formato estipulado pelo Estatuto da Sociedade. Cada número estampou, além da variedade de textos citados, pelo menos uma ou duas gravuras referentes a artigos veiculados e procurou valorizar “as coisas da terra”, ou seja, o elemento português.

Por intermédio dessa valorização do elemento português, o periódico lisbonense buscava equiparar intelectualmente Portugal aos demais países europeus, uma vez que os portugueses se consideravam numa situação de inferioridade. Pode-se afirmar, portanto, que a valorização das coisas da terra, presentes nos textos impressos n’*O Panorama*, particularmente nos de cunho literário, representa e expressa a nacionalidade de um povo desejoso de revitalizar o espírito português pertencente a um passado simbólico, na tentativa de negar uma realidade que não agradava.

O *Panorama* tinha um projeto enciclopédico, ou seja, o de divulgar conhecimentos variados, e o desejo de formar opinião. Para colocar esse projeto e esse desejo em prática, contou com vários colaboradores, entre os quais brasileiros ilustres como Francisco Adolfo Varnhagen e Casimiro de Abreu.



Composto por cinco séries, sendo a primeira constituída por quatro volumes (1837-1840), a segunda também por quatro (1841-1844), a terceira por cinco (1846-1856), a quarta por dois (1857-1858) e a quinta por três (1866-1868), o periódico lisbonense saiu inicialmente com a tiragem de cinco mil exemplares, número considerado bastante relevante para época. Porém, passou por longos períodos de paralisações provocadas por razões diversas.

O periódico traz no número inicial de cada volume uma introdução, na qual os redatores do periódico prestam contas ao leitor sobre os objetivos alcançados, as

dificuldades enfrentadas e todas as mudanças ocorridas na publicação. Protegido pelos que realmente desejavam ver o estado de adiantamento cultural português, e também por aqueles que desejavam recuperar a glória das armas portuguesas, *O Panorama* contou com o apoio declarado da rainha D. Maria II, bem como com os nomes de “D. Fernando, da Duquesa de Bragança e da Infanta D. Maria Isabel”,³ inclusos na lista de associados da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis e, conseqüentemente, na sua lista de leitores.

Convém lembrar que, para as publicações jornalísticas portuguesas da época, era importante contar com tal apoio, haja vista que, apesar de ter um público leitor consolidado, se comparado ao do Brasil da época, — um público que havia crescido significativamente desde o começo da ascensão burguesa no início do século XIX, propiciando a alguns jornais e revistas portuguesas a tranquilidade de cobrir seus gastos apenas com a venda de assinatura e fascículos, chegando até a obter um lucro razoável, — ter o apoio da rainha era assegurar-se de certa credibilidade junto a tal público e, conseqüentemente, assegurar-se do possível lucro.

Todavia, se era vantajoso para as publicações periodísticas portuguesas contar com o apoio do soberano, não era menos importante para a rainha portuguesa ter o seu nome vinculado a tais publicações, haja vista que, ao apoiar a edição de um periódico como *O Panorama*, D. Maria II garantia sua credibilidade no círculo intelectual da época. Além disso, assegurava-se de que não sairia nas páginas da publicação nada que a desprestigiasse aos olhos do povo.

A rainha de Portugal não tinha o costume de custear toda uma publicação. Entretanto, sabemos que subsidiou o início de algumas, como foi o caso de *O Panorama*. Não podemos afirmar que todos os recursos financeiros empregados pela Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis para a fundação do periódico tenham sido doados por ela. Por outro lado, só nos resta essa alternativa para justificar a existência da verba.

***O Panorama*: um periódico paradigmático**

Apesar de termos afirmado que *O Panorama* passou por longos períodos de paralisação, importa ressaltar que durante a edição do primeiro volume, bem como de toda a primeira série, o periódico foi impresso regularmente, ou seja, não sofreu qualquer tipo de interrupção ou atraso. Participaram ativamente da série os diretores

da Sociedade: M. A. Viana Pedra, João Batista Massa, Felix da Costa Pinto; os diretores suplentes Francisco de Sales e Brito, Jorge César de Figaière e Francisco Adolfo de Varnhagen.

Com exceção do segundo volume, todos os publicados nessa série iniciam com um texto introdutório. Na introdução do primeiro volume, o redator, possivelmente Herculano, respeitando o modelo retórico convencional da época, faz algumas considerações sobre a Grécia, passando pelos romanos e pela origem do cristianismo para justificar a afirmação de que entre “todas as coisas que se oferecem ao homem para lhe recrear os momentos de ócio, é a leitura talvez a mais aprazível, e seguramente a mais proveitosa”.⁴ Além disso, nesse texto, o autor analisa questões referentes ao progresso cultural. A esse respeito, citamos:

A nação portuguesa, cumpre confessá-lo, é uma das que menos tem seguido este movimento progressivo da humanidade. O nosso povo ignora imensas coisas que muito lhe importava conhecer, e esta falta de instrução sente-se até nas classes, que, pela sua posição social, deviam ser ilustradas. Entre os mesmos homens dados às letras (sic), se acha falharem repetidas vezes as noções elementares de tudo o que não é objeto do seu especial estudo, e a ciência em Portugal está ainda longe de ter aquele caráter de unidade, que ganha diariamente no meio das outras nações.⁵

Talvez por esse motivo, ao publicar *O Panorama*, a Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis seguiu o exemplo de países nos quais a instrução e a imprensa demonstravam maiores avanços e elaborou um periódico que propagasse uma instrução variada para ser aproveitada por todas as classes de cidadãos.

Essa foi apenas uma das preocupações da Sociedade, haja vista que também se preocupava em aumentar o número de assinantes do semanário. Para tanto, era preciso manter o público existente. Levando isso em consideração, os associados responsáveis pela redação d'*O Panorama* faziam publicar, nos números finais de cada semestre, anúncios que serviam para orientar e lembrar o leitor sobre a necessidade de efetuar a renovação da assinatura.

As pessoas cujas assinaturas findam com o n° 26, deste jornal, são por este anúncio convidados para que se sirvam de as renovar quanto antes, querendo continuar a assinatura, a fim de não sofrerem interrupções na entrega.⁶

Anúncios semelhantes ao citado, bem como os anúncios que solicitavam dos sócios que, no caso de mudança, informassem à direção o novo endereço, para não sofrerem interrupções no recebimento do periódico, foram publicados repetidas vezes nas páginas d'*O Panorama*.

Durante a publicação dessa primeira série, os leitores que tivessem interesse em adquirir a assinatura d'*O Panorama* poderiam fazê-lo no escritório da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis, em Lisboa. A assinatura semestral era vendida para os leitores da Capital e do Porto por 640 réis e a anual por 1.200 réis. O índice alfabético do periódico, juntamente com o frontispício do volume, era vendido por 25 réis. Os demais assinantes do reino, assim como os do Brasil, deveriam acrescentar a esses valores as despesas do porte.

Convém mencionar que, bem acolhido pelo público português tanto do continente como das províncias do arquipélago dos Açores e da Madeira, *O Panorama* contou, sobretudo na série em questão, com numerosos e constantes leitores. No Brasil, o número de leitores que prestigiavam o periódico também era vasto. Sobre essa boa aceitação por parte dos leitores brasileiros, escreveram os redatores:

Igualmente o Brasil – esse novo e vigoroso tronco da antiga árvore portuguesa, respondeu ao sincero convocar d'*O Panorama* para a propagação dos conhecimentos e boas idéias. Os nossos irmãos de além-mar acolheram com favor o trabalho de alguns homens, desconhecidos para eles, em proveito de todos os que falam a formosa língua portuguesa (sic). Se as circunstâncias e os fatos, se a força irresistível do tempo nos desuniu politicamente, a identidade de linguagem, de crença, e de avós, conservará perpetuamente entre o Brasil e Portugal um laço de fraternidade que nenhuns acontecimentos (sic) podem partir – os laços invisíveis, mas duradouros, da inteligência.⁷

Preocupados em retribuir a boa acolhida do público, os diretores da Sociedade resolveram melhorar a edição do periódico, imprimindo-o na imprensa hidráulica e estampando em suas páginas um número maior de gravuras, principalmente portuguesas.

Vale a pena mencionar que, a partir do quarto volume, o último da série, as publicações de artigos referentes à história do país, às antiguidades, às colônias portuguesas, bem com ao império do Brasil, passaram a ser mais expressivas.

Grande parte dos textos publicados nessa série saiu da pena de Alexandre Herculano. O escritor ocupava o posto de redator-chefe e dirigiu o periódico até a edição do número 115, impresso em 13 de julho de 1839. Nessa data, nomeado para o cargo de Diretor das Bibliotecas Reais da Ajuda e Necessidade, Herculano anuncia o seu desligamento. Entretanto, o afastamento de Herculano não foi definitivo, já que o escritor continuaria a enviar eventuais colaborações para a direção do periódico e reassumiria o cargo no penúltimo ano da segunda série.

A primeira série d'*O Panorama* encerra-se em dezembro de 1840; no dia 2 de janeiro de 1841, inicia-se a segunda. Dirigida inicialmente por Antônio de Oliveira Marreca, a série traz publicado em seu primeiro número um texto introdutório escrito por Antônio Feliciano de Castilho. Dessa vez, o texto discorre sobre imprensa da época:

(...) A imprensa política é hoje uma rainha, a imprensa literária uma fada, a imprensa da sociedade uma Minerva; mas a imprensa do gênero da nossa não é menos do que boa ama e aia de uma grande criança moral que é o povo; abaixa-se para o tomar nos braços; escolhe, do que sabe, o que ele lhe pode entender; misturar-lhe a doutrina com os brinquedos; resguarda-lhe o que é perigoso; nos passos difíceis dá-lhe a mão; estuda de dia e de noite as suas necessidades para as satisfazer, as suas boas inclinações para as ajudar, os seus vícios para os coibir; é sempre mãe, é toda e sempre do seu aluno com quem se identificou, e para si não quer melhor (sic) paga do que poder dizer um dia: “Eis aqui este povo já varão; ei-los aqui: fomos nós (Deus e eu) quem principalmente o fizemos.”⁸

Ao utilizar a metáfora acima para classificar a publicação d'*O Panorama*, o autor referia-se à dupla finalidade do periódico, ou seja, o dever de propagar o hábito de ler por intermédio de leituras fáceis e variadas, que pudessem, conforme mencionamos, ser aproveitadas por todas as classes de cidadãos, acomodando-as ao estado de atraso no qual Portugal se achava com relação aos demais países europeus, ao mesmo tempo que proporcionava a elas um momento de lazer.

Importa dizer que, indicado para dirigir *O Panorama* na ocasião do seu surgimento, Feliciano de Castilho recusa o convite e sugere o nome de Alexandre Herculano para ocupar o cargo. Com a saída de Oliveira Marreca, no final de 1841, o escritor aceita assumir a diretoria. Entretanto, sua permanência como redator-chefe d'*O Panorama* foi curta: em dezembro de 1842, Feliciano de Castilho abandona a

publicação do periódico para editar, a partir de 1843, a não menos prestigiada *Revista Universal Lisbonense*. Novamente, o periódico é deixado aos cuidados do amigo Herculano.

No ano em que Castilho dirigiu *O Panorama*, o texto introdutório sai com o título “Aos nossos leitores”, e quem o assina é a redação. No ano seguinte, é a vez de Oliveira Marreca escrever a introdução, mas no quarto volume da série a autoria do texto volta para as mãos dos redatores. Os assuntos discutidos em tais textos apresentam as mesmas preocupações dos anteriores: são abordadas questões referentes ao progresso cultural e ao papel da imprensa no desenvolvimento intelectual do leitor e, do mesmo modo, são discutidas as questões referentes à publicação do periódico.

No penúltimo volume da série, na edição de número 110, chama-nos a atenção um artigo solicitando aos assinantes que não estranhassem a qualidade superior do papel utilizado na edição:

A escassez de papel próprio (...) e para que os senhores assinantes não estranhem a qualidade do que empregamos no presente número, e terá de servir para mais alguns, também pomos aqui a nossa declaração, observando que a Direção teve de fazer o sacrifício de o comprar muito mais caro, até por ser preciso para cada número o dobro das remessas que dantes se gastavam (...)⁹

Com relação ao artigo citado, convém mencionar que, desde a sua fundação, *O Panorama* havia sido impresso em papel produzido na fábrica de *Abelheira*, a qual, naquele ano, não pode laborar na estação competente devido à estiagem rigorosa de inverno.

A segunda série do periódico encerra-se em dezembro de 1844, quatro meses antes da extinção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis. Na ocasião, é publicado e distribuído aos assinantes d’*O Panorama* o seguinte aviso:

Tendo sucessivamente diminuído nestes últimos anos as assinaturas deste jornal, não sendo já suficiente para o custeio de onerosas despesas, necessárias para o manter a nitidez tipográfica e mais circunstâncias que o igualaram aos melhores estrangeiros (sic), que no seu gênero se têm publicado, e muitos dos quais têm igualmente finado (...) A direção julgou do seu dever prevenir desta suspensão os Srs. Assinantes, que constantemente concorreram para a

conservação do Jornal, e assim o faz patente por este anúncio, tributando por esta ocasião os merecidos agradecimentos aos mesmos Srs. que tão zelosos se mostraram da ilustração popular e amantes e fautores (sic) da literatura portuguesa.¹⁰

Anuncia-se assim o fim d'*O Panorama* como órgão pertencente àquela instituição e, em 9 de abril de 1845, uma comissão eleita pela Assembleia Geral da Sociedade declara que o periódico não poderia continuar, “nem como imprensa literária, nem como imprensa mercantil”.¹¹

Tal declaração seria realmente o epílogo d'*O Panorama* caso não tivesse sido adquirido pelo empresário Antônio José Fernandes Lopes, que, de posse dos direitos e deveres da publicação, dirige o periódico até a impressão do último número do volume que encerraria a quarta série.

A terceira série d'*O Panorama* foi marcada por essa fase de transição, ou seja, pelo fato de o periódico deixar de ser patrimônio de uma sociedade de intelectuais para ser propriedade de um único empresário, sobre o qual não consta ter participado das séries iniciais.

O primeiro número do volume inicial da terceira série foi publicado em 5 de setembro de 1846; o último número, em 25 de dezembro de 1852. Observa-se, portanto, que o periódico demora seis anos e três meses para perfazer todo o volume. Essa demora deve-se a inúmeras interrupções ocorridas entre a edição de um número para outro. Convém mencionar que os motivos de tais lacunas não são conhecidos, mas é possível supor que, nesse período, a edição d'*O Panorama* passava por uma fase de readaptação, principalmente com o público.

Eram correspondentes dessa nova série do periódico A. R da Cruz Coutinho, no Porto; A. H. Dardalhon, em Braga; Freitas Guimarães, em Santarém; José Firmino de Azevedo Pereira, em Setúbal; Manuel José Ferreira, na Ilha de São Miguel; M. C. d'Albergaria e Vale, bem como A. J. de Araújo, da Ilha da Madeira. Nota-se, no entanto, que não há correspondente no Brasil.

A tipografia que imprimia *O Panorama* era de propriedade do próprio empresário e situava-se na rua Áurea, nº 67, em Lisboa. A assinatura do periódico poderia ser adquirida no endereço citado, bem como nas livrarias da Viúva Henrique e Bordado, localizadas na Rua Augusta-Zeferino, na rua dos Capitalistas e Torcatos e na rua do Ouro. Os valores da assinatura para esse primeiro volume continuaram os mesmos: 640 réis a assinatura semestral e 1.200 réis a anual, devendo os assinantes

do Brasil e os das colônias acrescentarem a esses valores as despesas referentes ao porte do correio. Além disso, as correspondências francas remetidas à redação do periódico deveriam ser endereçadas à rua Largo do Contador-Mór, nº 1 A, onde Antônio José Fernando Lopes mantinha o seu escritório.

Na introdução que inicia esse primeiro volume da terceira série, nono da história do periódico, é feito um balanço dos objetivos alcançados pelas duas séries anteriores. Nelas, *O Panorama* não veiculou textos referentes às altas questões sociais, à polêmica de qualquer natureza e ao exame científico das matérias de interesse político ou material que ocupavam as colunas das grandes revistas e dos periódicos científicos; apenas preocupou-se em tornar familiar ao leitor o trato de tais assuntos.

Durante toda a série, os objetivos d'*O Panorama* continuaram os mesmos, e os interesses pelos assuntos relacionados ao Brasil foram mantidos:

Ao Brasil deveu sempre amizade e estima. A desunião política não diminuiu o interesse, que a língua e a crença estreitaram o vasto império além do Atlântico e o velho Portugal. Irmãos pela inteligência, amigos por antigas ligações, e aliados pelo comum desejo de plantar a civilização, o recíproco interesse, que os enlaça, revela-se na solicitude com que se amam, e se compreendem para auxiliar a renovação social. Como sempre costumou, *O Panorama* olhará para tudo o que pode ser agradável, ou conveniente ao Brasil, como para coisa sua, dividindo entre os dois irmãos [Portugal e Brasil] com imparcialidade o que a cada um deles cabe no glorioso testamento da monarquia que formaram.¹²

Importa dizer que o interesse pelos assuntos relacionados ao Brasil estava estritamente ligado ao interesse pelo público brasileiro. Falar sobre o nosso país despertava a curiosidade de nossos leitores, o que provavelmente garantia ou deveria ter garantido um número razoável de assinantes brasileiros para *O Panorama*.

Ainda nesse volume, publica-se o texto “*Panorama – Complemento do 9º volume*”, no qual a redação informa que a nova empresa do periódico era inteiramente distinta e separada da que a antecedeu. Antônio de Oliveira Marreca, Luiz Augusto Rebelo da Silva, Mendes Leal Júnior, José Maria Latino Coelho, J. J. Cascais, Francisco Adolfo Varnhagen, A. L. Palmerim e Serpa continuam fazendo parte da lista de colaboradores e, embora o nome da rainha deixasse de ser estampado na página inicial de cada volume, ela também continuava integrando a lista de assinantes d'*O*

Panorama. Mas o atual proprietário deseja obter ainda a adesão de Alexandre Herculano e de Antônio Feliciano de Castilho.

Atendendo aos apelos do editor, Castilho envia à redação d'*O Panorama* uma infinidade de textos para serem publicados; Alexandre Herculano, por sua vez, colabora apenas com um ou dois ensaios. O autor de *Eurico, o presbítero* só voltaria a colaborar expressivamente com o periódico a partir da publicação da quarta série.

Todos os leitores que não possuíam e desejavam adquirir os 38 números d'*O Panorama* publicados entre o ano de 1846 e o ano de 1847 poderiam obtê-los com abatimento, isto é, ao custo de 20 réis cada número. Os que subscrevessem à redação, interessados em adquirirem a assinatura, recebiam um abatimento na compra da coleção antiga que avulsamente era vendida por 9\$600 réis. Os assinantes residentes no Brasil e nas províncias de Portugal que pretendessem renovar a assinatura só poderiam fazê-lo por intermédio de seus correspondentes em Lisboa. Para esses assinantes, todas as correspondências eram francas de porte e deveriam ser pagas adiantadamente.

A introdução do décimo volume, segundo da terceira série, foi escrita por Luiz Augusto Rebelo da Silva, que na ocasião ocupava o cargo de redator-chefe. O texto traz informações sobre o novo perfil do periódico. As preocupações e tendências d'*O Panorama* continuam as mesmas: estimular as capacidades gerais do cidadão, ensinando de forma clara e deleitando sem esquecer o fim moral nem a idéia literária.

Convém ressaltar que nessa terceira série *O Panorama* ocupa um lugar mais modesto no círculo intelectual da época do que o conquistado pelas séries anteriores. Entretanto, os textos nela publicados demonstram confiança no sucesso e aceitação do periódico. A esse respeito, citamos:

O *Panorama* continua com os recursos necessários para esperar, que o tempo lhe restitua as simpatias, que a sua interrupção lhe houver alienado. Concluindo o nono volume, e encetando o décimo, está em circunstância de afiançar, que não se renovarão os revezes, que o flagelaram nos últimos tempos. (...) O público, juiz imparcial, decidirá se a redação entende e aplica bem o pensamento civilizador que inspira uma publicação desta natureza. Se o passado serve de fiador, a proteção que encontraram os números publicados este ano, permite-nos conceber alguma esperança, e supor que não se errou tanto como se receava. O futuro, porém, é que há de pronunciar a verdadeira sentença.¹³

O desejo de que o periódico não sofresse mais interrupções foi realizado. Enquanto Antônio José Fernandes Lopes permaneceu como editor-chefe e proprietário d'*O Panorama*, o periódico continuou a ser publicado regularmente.

Na edição do décimo primeiro volume, terceiro da terceira série, o custo da assinatura d'*O Panorama* sofre um pequeno reajuste: a anual passa para 1\$300 réis; a semestral, para 700 réis; a venda do número avulso, para 30 réis. Esses valores eram válidos somente para os assinantes de Lisboa e do Porto; os demais deveriam pagar pela assinatura anual 70 réis a mais que estes e, pela semestral, 90 réis a mais. Importa dizer que, mesmo para tais assinantes, o valor da assinatura saía por um preço bastante razoável, considerando que a qualidade do periódico era superior à de muitas publicações da época, bem como que a assinatura de publicações de menor prestígio, como *A Litografia*, *Enciclopédia Industrial*, era vendida pelo dobro do valor citado.

O texto que introduz o décimo-primeiro volume informa que, no ano de 1853, *O Panorama* não atingiu todas as metas pré-estipuladas pela redação. As dificuldades da empresa aumentaram em razão da influência de uma série de circunstâncias desfavoráveis. Todos os esforços dos redatores estavam empenhados em salvar o crédito da publicação, bem como em restabelecer a sua regularidade. O editor do periódico estipula novas metas para a publicação do décimo segundo volume, quarto da terceira série.

Na edição do décimo-segundo volume, quarto da série, a redação d'*O Panorama* estampa regularmente nas páginas do periódico anúncios em que apela para a proteção do leitor. Todos os que se interessam pelo progresso das letras e das ciências em Portugal são convidados a adquirirem ou a renovarem suas assinaturas. Importa dizer que não sabemos ao certo o número inicial de assinantes dessa série, mas estamos convencidos de que houve um aumento significativo no número de pessoas que assinavam *O Panorama*, só que esse aumento não atingiu a porcentagem desejada pelo proprietário.

Notar-se-á que os recursos financeiros arrecadados com as assinaturas do periódico não satisfaziam o editor. No entanto, Antônio José Fernandes Lopes, proprietário do periódico, de olho no número de leitores que se formava e cheio de esperanças futuras, publica, a partir de 1856, *A Ilustração Luso-Brasileira*. Dividida em partes preocupadas respectivamente com a história, com a literatura, com a crítica literária, com o comércio, com os espetáculos públicos e com a moda, *A Ilustração*

apresenta um formato semelhante ao d'*O Panorama* e, assim como o periódico, visa alcançar os dois públicos leitores: o português e o brasileiro.

Em 6 de janeiro de 1856, juntamente com a publicação do primeiro número da *Ilustração Luso-Brasileira*, é publicado o primeiro número do décimo-segundo volume, quarto da terceira série do periódico. No texto que introduz o volume, o redator d'*O Panorama* confirma as afirmações feitas na introdução anterior. Segundo o texto, os primeiros anos da atual série do periódico foram de lutas constantes; apesar disso, os colaboradores e o redator não desanimaram. Graças aos seus escritos, *O Panorama* restaura o prestígio que mantinha junto ao público.

A partir de 5 de janeiro de 1856, inicia-se a publicação do décimo-terceiro volume, último da terceira série. Desta vez, o texto que introduz o volume comenta a fundação da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis. Fazia dezenove anos que a Sociedade havia lançado *O Panorama*. Sempre benquisto e festejado pelo público, o periódico conseguia se manter em atividade por um longo período, num país cujo gosto de ler ainda não estava, suficientemente, difundido.

A publicação do décimo-terceiro volume encerra-se em dezembro de 1856. Na ocasião, o editor não faz promessas para as publicações das novas séries; apenas menciona que empregará todos os meios para que o periódico melhore a cada número, cabendo de novo ao futuro decidir se ele cumpriria bem ou não a missão que se impôs.

No dia 3 de janeiro de 1857, inicia-se a publicação do décimo-quarto volume, primeiro da quarta série. O texto que introduz o volume também não traz promessas inovadoras, apenas menciona que o editor procurará melhorar o semanário.

O Panorama enceta com este número o seu décimo quarto volume. É certo que nenhum dos jornais literários do país contou com tão longa duração; mas é igualmente certo que *O Panorama*, sempre acreditado, não tem até hoje desmerecido do conceito em que foi tido desde que apareceu pela primeira vez. (...) Não faremos promessas irrealizáveis, ou que não possamos cumprir. Diremos só que procuraremos melhorar este semanário e nesse empenho nos ajudarão todos os que têm amor às letras (sic), e tomam a peito a instrução pública.¹⁴

Convém mencionar que, a partir dessa série, a edição d'*O Panorama* assume um perfil mais literário. Os artigos referentes ao comércio, bem como artigos relacionados à agricultura, não desaparecem, mas cedem espaço para a publicação

de um número maior de ensaios, biografias e críticas literárias. Além disso, o endereço da tipografia do empresário e editor do periódico transfere-se para a Travessa da Vitória, nº 52, Lisboa.

Em 13 de junho de 1857, publica-se um anúncio em que o editor d'O *Panorama* informa aos assinantes brasileiros que retomaria a publicação da *Ilustração Luso-Brasileira*, interrompida naquele ano por falta de assinantes. O valor da assinatura para os leitores residentes no Brasil era de 4\$000 réis, livre de todas as despesas de porte. Aqueles que, confiando no proprietário, quisessem pagar adiantado receberiam um desconto de 15 por cento sobre esse valor. Fernandes Lopes também publica no periódico um anúncio endereçado aos assinantes portugueses, o qual seria reeditado outras vezes.

Aviso aos srs. Assinantes de Portugal. O proprietário d'O *Panorama*, tencionando continuar para o futuro ano de 1858 *A Ilustração Luso-Brasileira*, dirige-se aos seus assinantes atuais, e aos que foram do mesmo semanário, pedindo-lhe a sua coadjuvação.¹⁵

Na edição de número 415, do mesmo volume, chama-nos a atenção outro anúncio dirigido aos assinantes brasileiros. Nele, o editor menciona que, em razão do grande número de reclamações contra Manuel José Viera da Costa, agente no Rio de Janeiro d'O *Panorama* e d'A *Ilustração Luso-Brasileira*, a correspondência com o editor proprietário dos dois periódicos passaria, a partir de janeiro de 1858, para responsabilidade de Floriano Alves da Costa, estabelecido na rua São Pedro, nº 26. Todos os assinantes residentes nessa cidade deveriam dirigir-se ao novo agente para adquirirem ou renovarem suas assinaturas.

Importa dizer que o décimo-quinto volume, segundo da quarta série, inicia-se em 2 de janeiro de 1858 e encerra-se em 25 de dezembro do mesmo ano. Nessa ocasião, é publicado um artigo em que o redator do periódico avisa aos assinantes que a publicação seria interrompida:

Tendo de fazer consideráveis melhoramentos n'O *Panorama*, o editor vê-se na necessidade de suspender, temporariamente, a publicação do mesmo semanário. Em conseqüência, roga a todos os senhores assinantes que ainda não pagaram as suas assinaturas do corrente ano, que tenham a bondade de mandar satisfazer com a possível brevidade (sic).¹⁶

Iniciar-se-ia uma nova fase de interrupção; o periódico só voltaria a ser publicado em janeiro de 1866, pela tipografia Franco-Portuguesa, localizada na Rua do Tesouro Velho, nº 6, Lisboa. Tudo indica que, cansado dos esforços empreendidos, e desanimado com os resultados que obteve, Antônio José Fernandes Lopes tenha vendido o periódico. Entretanto, o nome do novo proprietário não é divulgado.

Nessa série, *O Panorama* passa por mudanças bastante significativas, sobretudo no que diz respeito à qualidade de sua impressão. O papel empregado na publicação do periódico é inferior ao utilizado pelas séries antecedentes. O serviço de edição também deixa muito a desejar: as páginas iniciais de cada número pertencente ao volume citado não apresentam mais a indicação da data. Além disso, o décimo-sexto volume é o único da série em que se publica o texto introdutório.

Intitulado “Duas palavras ao público”, o texto não traz promessas; apenas comenta o ressurgimento d’*O Panorama* após oito anos de paralisação, e revela o desejo do novo editor de levar adiante a publicação do periódico.

Depois de bastantes anos de interrupção reapareceu *O Panorama*, esse brilhante museu da literatura portuguesa, onde penduravam maravilhas duas gerações de escritores. A interrupção deste jornal foi deplorada pelos muitos assinantes que o tinham seguido com interesse na sua longa e esplêndida carreira. (...) Não fazemos programa, nem tentamos captar a benevolência dos assinantes com promessas pomposas. Ninguém duvidava de que não aceitaríamos (nem pessoa alguma aceitará) o pesado encargo que tomamos, se não tencionássemos empregar todos os esforços para nos desempenharmos, o melhor que pudéssemos, da tarefa que empreendemos.¹⁷

Apesar de todo esse intervalo, no qual provavelmente a matéria-prima utilizada na impressão deve ter sofrido algum tipo de reajuste, os valores para aquisição da assinatura anual e semestral d’*O Panorama* continuaram praticamente os mesmos da série anterior: 1\$300 réis o da assinatura anual e 650 réis o da semestral. Nota-se, portanto, que o preço da assinatura semestral, que antes era vendida por 700 réis, sofreu uma redução.

A assinatura do periódico poderia ser adquirida em todas as lojas de costume e, no Porto, na casa da Viúva Moré. As correspondências dirigidas à *Empresa d’O Panorama* deveriam ser remetidas à Tipografia Franco-Portuguesa. Importa dizer que

colaboraram com a publicação da nova série os mesmos intelectuais que participaram de sua fundação.

Na edição de número 44, do décimo-oitavo volume, último da história do periódico, chama-nos a atenção um artigo no qual os novos redatores anunciam que na loja do antigo editor estava sendo vendida a coleção completa d'*O Panorama*. Em razão do alto custo da coleção, Antônio José Fernandes Lopes resolveu vender os volumes antigos pelos mesmos valores em que eram vendidos na data de edição, só que parcelados. Dessa forma, o leitor que ainda não tivesse a coleção, ou que a tivesse incompleta, poderia adquirir a coleção completa, ou os volumes que lhe faltavam, sem precisar desembolsar, de uma só vez, muito dinheiro.

Importa dizer que, embora a edição d'*O Panorama* tenha sido dividida nas séries aqui apresentadas, os objetivos do periódico se mantiveram os mesmos em todas elas: instruir e deleitar o leitor. É evidente que, ao fundar *O Panorama*, a Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis não visava ao lucro, mas não é menos evidente que de algum modo a publicação se tornou uma atividade rentável; caso contrário, o título do periódico não teria sido adquirido por empresários especializados.

Além disso, convém mencionar que a publicação dos três volumes pertencentes à quinta série foi, sem dúvida alguma, uma tentativa de levar adiante a realização de um sonho, ou seja, publicar um periódico popular que fosse, ao mesmo tempo, bem acolhido por todas as classes sociais, o qual posteriormente constituir-se-ia em um verdadeiro modelo para todas as publicações periodísticas impressas em Portugal.

Considerações finais

Importa dizer que as edições das cinco séries do periódico *O Panorama* não foram realizadas seguindo normas que determinavam o agrupamento dos artigos em sequência de textos da mesma natureza. Nele, um mesmo tipo de texto poderia ser impresso na primeira ou na última folha do número ou fascículo publicado; seus redatores apenas procuraram publicar nas páginas do periódico todos os tipos de textos especificados na ata de fundação da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis. Dentre os vários tipos de textos por ela especificados,

encontram-se nas páginas do periódico, conforme explicitado, biografias, bibliografias, ensaios literários e artigos críticos.

Com relação aos textos biográficos publicados n' *O Panorama*, observamos que de um modo geral se referem a nobres que nunca escreveram. Com relação às bibliografias nele impressas, observamos que são de clássicos portugueses, de obras escritas por autores de renome, bem como de textos literários escritos naquele momento. Do mesmo modo, observamos que os ensaios e os textos de crítica literária publicados no semanário foram adotados pelos redatores como os principais aliados para apurar o gosto e apontar as falhas da produção literária da época.

Tais ensaios tinham como finalidade estabelecer condições que permitissem aos leitores diferenciar um bom texto literário de outro com pouco valor estético, além de fornecer ao escritor da época normas que o levariam a produzir, com mais frequência, obras nacionais de boa qualidade.

Acreditamos que, provavelmente, para os redatores e colaboradores do semanário português, a literatura era a arte de expressar um sentimento sem esquecer o fim moral, a generalização do pensamento e da expressão com o dom de despertar o interesse geral do leitor. Talvez por esse motivo os textos literários eram utilizados para estimular no público o gosto pela leitura.

Tamanho era a importância que esses homens davam à leitura - particularmente, à de obras literárias -, que resolveram investir na publicação delas. Os redatores do periódico lusitano utilizaram a tipografia do periódico para reeditar clássicos portugueses e publicar os poemas e romances que saíam semanalmente nas páginas do semanário. Dentre esses, destacamos *A história da inquisição em Portugal*, escrita por Alexandre Herculano; as *Crônicas monásticas*, escritas pelo mesmo autor; o romance sobre a vida do poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage, escrito por Luiz Augusto Rebelo da Silva, além de vários outros livros, como o poema *Ausência*, de J. da Costa Cascaes, e o romance *Cena de escravatura*, F. M. Bordalo.

A partir da terceira série, a transformação dos folhetins publicados esparsamente no periódico em obras completas ficou ainda mais intensa. O proprietário d' *O Panorama* editava em formato de livro todos os textos contínuos que pudessem ser transformados em obras instrutivas e agradáveis. Tais obras eram vendidas para os assinantes d' *O Panorama*, bem como para todos aqueles que tivessem interesse em adquiri-las.

Fernandes Lopes publicava nas páginas do periódico a notícia do lançamento e o valor da obra lançada. Como a quantidade de edições era bastante vasta, os

anúncios de lançamentos eram estampados em forma de listas introduzidas pela seguinte chamada: “Obras que se vendem na casa do editor – Rua Áurea, nº 227, Lisboa”.

Importa lembrar que *O Panorama* não era um jornal estritamente literário, mas graças ao fato de ter estampado em suas páginas um grande número de textos relacionados às artes e à literatura, ainda hoje, o periódico lisbonense ocupa lugar de destaque no cenário literário romântico português.

O leitor ou pesquisador de hoje que manusear o referido periódico encontrará, nos diversos textos publicados, o tradicional culto à monarquia e o apego à formação católica conservadora, tudo de acordo com os costumes vigentes na época. No tocante ao tradicional culto à monarquia, podemos afirmar que, dentre os textos publicados n’*O Panorama*, os que melhor revelam esse aspecto são os ensaios sobre antigos reis portugueses. Quanto ao apego dos colaboradores do semanário à formação católica conservadora, afirmamos que, dentre os tipos de textos nele impressos, os que melhor manifestam isso são as inúmeras biografias de pessoas pertencentes ou ligadas de alguma forma ao clero.

Com base nas apreciações aqui realizadas, concluímos que, devido ao longo tempo em que *O Panorama* permaneceu em atividade, bem como aos textos nele veiculados e à vasta colaboração que recebeu de literatos consagrados, o periódico mereceu a boa acolhida que teve. Além disso, pensamos não existir melhor termo para defini-lo do que o empregado pelos próprios redatores na ocasião de seu lançamento: jornal popular, literário e instrutivo, sem fins políticos, escrito por portugueses e para portugueses.

Atentamos para esse fato já que, apesar de os redatores ressaltarem no texto introdutório impresso no IX, volume 1º da 3ª série, que *O Panorama* olharia com o mesmo interesse para os acontecimentos relacionados ao Brasil e a Portugal, isso não ocorre, particularmente, no que se refere à literatura aqui produzida, já que, com exceção do artigo intitulado “Das naturais tendências da futura literatura brasileira”, impresso no número 214 do quinto volume, primeiro da segunda série d’*O Panorama* – no qual o autor não identificado afirma que, enquanto o Brasil esteve ligado a Portugal, a literatura brasileira foi essencialmente europeia –, pouco pode ser encontrado nas páginas do periódico lisbonense sobre a literatura aqui produzida.

Recebido para publicação em março de 2009.

Aprovado para publicação em abril de 2009.

Notas

- ¹ GARMES, Hélder. *A convenção formadora: uma contribuição para a história do periodismo literário nas colônias portuguesas*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (Tese de doutoramento), 1999. p. 18.
- ² “Estatutos da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis”, 1837, cap. V, art. 45º.
- ³ LANÇA de MELLO, Maria Cristina Nogueira. *O Panorama: história de um jornal*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras (monografia), 1971. p. 12.
- ⁴ Sem assinatura, “Introdução”. In: *O Panorama*, 6 de maio de 1837, v. I ou 1º da 1ª série, nº 1, p. 1.
- ⁵ Ibid. p. 2.
- ⁶ Ibid., nº 23, p. 184.
- ⁷ Ibid., “Aos nossos leitores”, 1º de janeiro de 1842, v. VI ou 2º da 2ª série, nº 1, p. 1.
- ⁸ CASTILHO, Antônio Feliciano de. “Introdução”. In: *O Panorama*, 2 de janeiro de 1841, v. V ou 1º da 2ª série, nº 1, p. 3.
- ⁹ Ibid., 1844, v. VIII ou 4º da 2ª série, nº 110, p. 40.
- ¹⁰ Apud: BAPTISTA, Jacinto. *Alexandre Herculano jornalista*. Amadora: Bertrand, 1977, p. 68.
- ¹¹ Op. cit, p. 67.
- ¹² Sem assinatura. “Introdução”. In: *O Panorama*, 5 de setembro de 1846, v. IX ou 1º da 3ª série, nº 1. p. 40.
- ¹³ SILVA, Luiz Augusto Rebelo da. “Introdução”. In: *O Panorama*, 1º de janeiro de 1853, v. X ou 2º da 3ª série, nº 1, p. 2.
- ¹⁴ Sem assinatura. “Introdução”. In: *O Panorama*, 6 de janeiro de 1857, v. XIV ou 1º da 4ª série, nº 1, p. 1.
- ¹⁵ Ibid., nº 25, p. 1.
- ¹⁶ Ibid., nº 52, p. 412.
- ¹⁷ Sem assinatura. “Duas palavras ao público”. In: *O Panorama*, Janeiro de 1866, v. XVI ou 1º da 5ª série, nº 1, p. 1.